

**SARRIÁ 82: O QUE FALTOU AO FUTEBOL ARTE****Gustavo Roman e Roberto Zanata**Resenha de José Dantas de Sousa Junior<sup>1</sup>

Procuramos aqui fazer uma análise sobre o livro “Sarriá 82: O que faltou ao futebol arte”, do jornalista Renato Zanata junto com o colecionador de jogos Gustavo Roman.

Temos o objetivo de desmascarar alguns mitos existentes na história do esporte brasileiro, especificamente o Futebol, aproveitando o trabalho aqui analisado.

Esse esporte, a maior paixão do povo brasileiro, o mais praticado de todo o mundo, não apenas neste século, mas desde o século passado.

Podemos dizer que no final da década de 50, até o início dos anos 80, o Brasil teve os melhores jogadores do mundo, o que trouxe ao brasileiro um complexo de superioridade e de “já ganhou” nos eventos que iria disputar.

Consequentemente, com algumas derrotas ao longo da história, surgiram vilões, responsáveis e “bode expiatórios”. Exemplos, Barbosa em 1950 e Toninho Cerezo em 1982.

Muito mais fácil colocar a culpa de uma derrota em um cidadão que não é bonito, de cor escura e de bigode, em vez de lançar sobre um treinador com outro perfil, mais simpático e carismático, mas que comandava o time da forma como queria, sem ouvir ninguém e recusar um empate por puro orgulho, não somente seu como também representando a sensação de um povo, ou de sua maior parte.

Neste exímio trabalho científico, inédito no campo esportivo, podemos desmascarar alguns mitos sobre a segunda copa citada neste parágrafo, no qual o jogador não foi tão responsável assim, e outras coisas na maioria não conhecidas pelo povo brasileiro foram determinantes naquela inesquecível Copa da Espanha.

Talvez essa a melhor de todos os tempos, e que teve uma seleção que marcou história e que erroneamente é comparada por muitos e até mesmo dita como melhor que a seleção brasileira de 1970.

Este outro mito que é desmascarado e esclarecido pelos autores. Não pretendemos tirar a magia deixada por aquele time, mas como jornalistas e sociólogo, pretendemos

expor a verdadeira realidade. Uma diferença do concreto dado para o concreto pensado

Esse livro publicado em 2012 possui oito capítulos divididos em 127 páginas e uma instigante e fácil leitura.

O que os autores pretendem é dar respostas a uma Copa do Mundo que parece ainda não terminou, que deixou saudades e indagações de porque o futebol tão bonito do Brasil foi derrotado.

Neste livro os autores fazem uma extraordinária e inovadora técnica de avaliação, assistindo a 28 jogos dos 38 realizados por aquela seleção brasileira, desde o último jogo de Claudio Coutinho em 1979 até a trágica derrota do dia 05 de julho para a Itália no estádio Sarriá.

Ao assistir os jogos, os autores analisam a formação tática daquele time, suas escalações e variações, além de colher depoimentos de ex-jogadores e comentaristas esportivos daquela época.

Desta forma, eles conseguem afastar qualquer tipo de senso comum e de “achismo”, conseguindo até tirar um pouco do peso dado a Toninho Cerezo, comparada por muitos a Barbosa, outro que também em outra história e análise poderíamos provar que não tinha tanta culpa assim.

Tanto Roman, quanto Zanata chegam à conclusão que este time estava longe da perfeição, e demonstram o que faltou e os que faltaram no time do mestre (???) Telê Santana.

No primeiro capítulo do livro denominado a volta do futebol arte à seleção canarinho, os autores demonstram logo de imediato a imagem que ficou daquele time.

Desde a primeira aparição do quarteto Falcão, Cerezo, Sócrates e Zico, em uma goleada de 6 a 0 sobre os paraguaios.

Por ironia, como isso mostra serem bem diferentes amistosos e jogos valendo, já que no mesmo ano o Brasil seria desclassificado pelos mesmos adversários na Copa América em pleno Maracanã, em uma semifinal que terminaria empatada em 2 a 2, causando a demissão de Claudio Coutinho.

A partir daí entra na seleção Telê Santana e começa uma nova era, do futebol bem jogado, mas sem títulos e sem esquema tático suficiente, como é demonstrado a partir do segundo capítulo até o final do trabalho.

No dia 12 de fevereiro de 1980, Telê é oficializado treinador da seleção brasileira, o primeiro treinador exclusivo da seleção, que não dirigia um clube no mesmo período.

Logo no primeiro amistoso, contra a seleção de novos, uma goleada de 7 a 1, e um esquema de jogo clássico de um 4-3-3, com a posse da bola ficando com um 4-1-4-1, já caracterizado pelos avanços de Falcão se juntando a Zico, e quando estava sem a bola ficava no 4-2-3-1.

Praticamente a formação que decorreria em toda a preparação para a Copa, mas que erradamente seria modificada às suas vésperas, já que Falcão poucos meses depois da primeira convocação seria contratado pelo Roma da Itália e só sendo liberado apenas para um amistoso, um mês antes da Copa da Espanha.

A primeira escalação do time de Telê foi formada por Carlos, Nelinho, Amaral, Luisinho e Junior; Batista, Falcão e Zico; Tarcísio, Reinaldo e Joãozinho. Sócrates e Toninho Cerezo entraram no decorrer do jogo. Para os autores se o técnico tivesse seguido esta linha, com Batista, Reinaldo e Carlos entre os titulares, e o mesmo esquema de jogo poderia ter tido um final melhor. Batista era um volante de marcação que dava mais consistência a defesa e cobria Junior, liberava mais Falcão. Carlos um goleiro mais seguro que Valdir Peres e Reinaldo um gênio com a bola e com estilo de jogo mais parecido com o da seleção de 82, bem diferente de Serginho Chulapa, estilo trombador e cabeceador.

Dentre os jogos analisados, mostram a primeira derrota desta seleção, para a União Soviética em pleno Maracanã, que completaria seu aniversário de 30 anos.

Nem tudo foi festa, a seleção ainda em fase de preparação jogou mal e foi vaiada. Um detalhe, pela primeira vez a seleção entrou no 4-4-2 sem ponta direita, sobrecarregando o lateral Nelinho na marcação e sem poder ofensivo por este lado.

Nem é preciso falar que um dos gols soviéticos saiu por aquele setor, além de perigosos contra-ataques no lado esquerdo da defesa brasileira, nas costas de Junior, o que carecia de um volante fixo para cobrir os seus avanços. Outro detalhe, o gol brasileiro foi anotado pelo centroavante Nunes, já

mostrando mais afinidade com o time do que Serginho Chulapa, mas que também ficou fora da Copa.

Logo nos primeiros jogos estrategicamente analisados, os autores já mostravam que o time não perdeu a Copa da Espanha por Azar ou falha de Toninho Cerezo.

Consequentemente na análise dos jogos, mesmo em uma vitória de 6 x 0 contra o Paraguai, citam o narrador da Rede Globo Luciano do Vale chamando à atenção de que “O Brasil só ataca pelo lado esquerdo. Raramente, vai pelo lado direito” (2012, p. 33).

No capítulo 3 denominado Mundialito, o primeiro campeonato perdido, para o Uruguai no evento comemorativo aos 50 anos das Copas do Mundo. O Brasil que jogou um bonito futebol, mas acabou derrotado pelos Uruguaios donos da casa na final.

O Brasil que não contou com Reinaldo e Zico machucados. No capítulo seguinte, as eliminatórias, onde o time brasileiro passou bem por Bolívia e Venezuela, já demonstrando um futebol de alto nível, porém com alguns problemas táticos e uma indefinição no comando do ataque, algo também visto nos amistosos.

No capítulo 5, A vitoriosa excursão à Europa, são relatadas às vitórias em campos adversários no ano de 1981 contra a Inglaterra (1x0), França (3x1) e Alemanha (2x1).

O Brasil aparece novamente para o mundo com um futebol bonito e bem jogado e desponta como o favorito para a Copa da Espanha. No jogo contra a França, o melhor do Brasil na excursão, o Brasil entrou com uma formação que poderia até ter sido a ideal para a Copa, a meu ver, apenas com Falcão no lugar de Cerezo, ou até não em virtude do entrosamento do time.

O Brasil entrou em campo com Paulo Sérgio, Edvaldo, Oscar, Luisinho e Junior; Cerezo, Sócrates e Zico; Paulo Izidoro, Reinaldo e Eder. Mesmo assim o comentarista esportivo Gérson ressaltou que...

“o bom futebol da seleção brasileira poderia melhorar nas futuras partidas se apresentasse um toque mais rápido no meio campo em suas transições ofensivas e realizasse uma melhor cobertura dos seus laterais ao perder a posse de bola” (Roman, Zanata 2012, p. 69).

Nos dois seguintes capítulos os autores falam da fase final da preparação, da lista de convocados e sobre a participação do Brasil na Copa da Espanha, esta talvez a

melhor Copa do Mundo de todos os tempos. No dia 24 de abril de 1982 Telê Santana divulga a lista final dos convocados com: Valdir Peres, Carlos, Paulo Sérgio, Leandro, Edvaldo, Oscar, Juninho, Luisinho, Edinho, Junior, Pedrinho, Batista, Cerezo, Sócrates, Zico, Renato, Falcão, Paulo Isidoro, Serginho, Careca, Éder e Dirceu.

Destes, apenas Careca seria cortado por motivo de contusão e chamado Roberto Dinamite pro seu lugar.

Para o jornalista Mauro Betting (2012, p.95) "Careca era o centroavante daquele time. Até pela idade, pela velocidade e pelo fino trato com a bola, seria o jogador ideal para se entender com Zico, Falcão, Sócrates, Cerezo, Júnior e Leandro", isto em alusão ao péssimo desempenho do centroavante Serginho Chulapa, preferido por Telê Santana. Lembrando que ficaram fora da lista, Reinaldo (que até hoje diz que não estava machucado) e Nunes, bem mais técnicos e com estilos de jogo equivalente ao time de Telê.

Logo no primeiro jogo da Copa, contra a União Soviética, o primeiro grande erro tático, como analisado pelos autores, a saída Paulo Isidoro do time. Falcão chegava da Itália e entraria no meio de campo da seleção com Sócrates e Zico.

No ataque Dirceu, Serginho e Éder, três canhotos no ataque e um time torto, capenga, no primeiro tempo. O técnico sabia que Cerezo não jogaria porque estava suspenso por causa da expulsão do jogo contra a Bolívia na eliminatória, e abriu mão da fácil substituição deste por Falcão e de manter Isidoro na direita, para colocar Dirceu e complicar o time.

No segundo tempo após estar perdendo de 1x0, entra Paulo Isidoro e a formação antiga de dois anos e quatro meses de trabalho, o Brasil vira para 2x1, com gols de placa de Sócrates e Éder.

Para Zico em entrevista após a Copa, aquele time do segundo tempo deveria ser o time do resto da copa. Dois detalhes sobre aquele jogo: o primeiro a má atuação do centroavante brasileiro, em que Zico depois comentou "Eu sei que naquele jogo deu pena do Serginho, porque ele teve tantas oportunidades, desperdiçou tantos gols" (2012, p.93); o segundo, os dois pênaltis não marcados pelo árbitro cometidos pelo zagueiro Luisinho, um em que agarrou o centroavante da União Soviética para ele não fazer o gol, e o outro, quando interceptou uma bola com o braço, como um jogador de Vôlei ou de

Handebol, no qual Zico: "Eu achei que o mais vergonhoso foi o do segundo tempo. De onde eu estava não vi direito. Depois é que eu vi na televisão e falei 'não é possível', foi muito vergonhoso" (2012, p.93)

Nos dois jogos seguintes da primeira fase, grandes exhibições contra Escócia e Nova Zelândia, depois uma grande vitória contra a Argentina.

Orlando Duarte no documentário Vozes do Sarriá disse que os jogadores brasileiros estavam mais preocupados com vaidades pessoais e citou como exemplo, Junior ao sambar na comemoração do gol contra os argentinos em frente à uma placa de publicidade de refrigerante, que era do patrocinador do Flamengo. Isso no mesmo ano em que as empresas começam a aparecer nas camisas dos times de futebol e começam a pagar parte dos salários dos jogadores.

Quanto ao resultado destes jogos a meu ver, a goleada sobre a Nova Zelândia foi pouco, em virtude dos seus jogadores serem na maioria amadores. Esta de deu em virtude do número de gols perdidos pelo centroavante brasileiro e um gol perdido por Luisinho dentro da pequena área sem goleiro após um passe de calcanhar magnífico de Falcão. Um detalhe foi que Zico após a partida disse que se fosse para jogar de ponta-direita preferia sair do time. Contra a Argentina, a melhor exibição, mas um pênalti não marcado de Junior em Maradona no segundo tempo, em que foi obrigado a derrubar o meio argentino em virtude de ter sido driblado e não ter ninguém na sua cobertura, mostrando a deficiência da defesa brasileira.

No dia 05 de julho, o Brasil enfrenta a Itália no estádio Sarriá. O time brasileiro apesar de jogar pelo empate foi para cima do time italiano, abrindo a sua defesa e se expondo aos contra-ataques. Logo aos cinco minutos, o primeiro gol italiano, sai num cruzamento de Cabrini, sem marcação, naquele velho problema da ponta direita do Brasil.

Leandro comentou que "no gol de empate da Itália eu fechei com o Graziani, aí lançaram a bola lá no Cabrini. Quer dizer esse lateral veio sozinho e eu não podia marcar dois. Não deu tempo nem de eu chegar e o Cabrini já foi cruzando" (2012, p. 109).

Depois do empate com Sócrates em grande jogada de Zico, um lance que ficou na história do futebol brasileiro, Cerezo passa a bola errada e Paulo Rossi intercepta e faz o

segundo gol da partida. Mas não foi o único erro do Brasil, Serginho toma a bola do pé de Zico e chuta para fora de perna direita, mesmo sendo canhoto e a bola vinda para a perna direita de Zico.

No segundo tempo, o centroavante tenta fazer o gol de calcanhar e perde, com Zico pedindo a bola sozinho e sem goleiro pela frente. Éder também deixa de passar a bola para Sócrates quando o jogo estava empatado, querendo driblar o zagueiro. Luciano do vale narrando grita "Sócrates", mas o ponta resolve tentar fazer o seu gol. Será que tem alguma coisa haver com a história das placas de patrocínio?

Aos 20 minutos do segundo tempo Falcão faz um gol memorável e empata a partida. O time que jogava pelo empate parte para o ataque, até pela sua própria natureza e se expõem gerando um escanteio, numa bola atrasada de cabeça por Cerezo para o goleiro que não evita a saída.

Consequentemente em tantas falhas, Sócrates cabeceia a bola pra meia lua em vez da lateral e Junior dando condições de jogo a Paolo Rossi.

O futebol arte é derrotado pelo técnico e eficiente time da Itália. Um time mais forte do que se imaginava, tanto que vários jogadores, dentre eles Serginho, disseram que "o Brasil subestimou a Itália". Para Zico "o Brasil não soube jogar pelo resultado".

Para Oscar, o "Brasil foi dormir pensando que ia massacrar a Itália" e "a saída de Paulo Isidoro foi fundamental para a derrota". Para Sócrates "a Itália era um timaço, talvez se tivesse um ruim no time, fosse Paulo Rossi".

No último capítulo do livro, O que faltou ao futebol arte, os autores analisam os erros da seleção e citam como principal destes fatores a mudança tática dentro da Copa do Mundo com a saída de Isidoro e a passagem do 4-3-3 para o 4-4-2.

Além disto, faltou Sócrates de centroavante e Batista como volante fixo na entrada da área. Quanto à convocação, faltaram e fizeram muita falta Reinaldo, Nunes, Leão e Adílio.

No final os autores falam do legado da seleção, do futebol bem jogado e que deixou saudades, apesar de todos os erros.

Para definir este trabalho dos autores em uma frase, isso seria muito difícil. Mas talvez fosse: Telê Santana foi mal em 82! Quanto à seleção, realmente jogou um futebol criativo, de toques refinados e de gols bonitos,

porém, conforme os autores comprovaram, ela possuía alguns erros táticos.

Concordo plenamente com estes e acho que além destes erros táticos, ela também possuía alguns pecados capitais.

## REFERÊNCIAS

1-Roman, G.; Zanata, R. Sarriá 82: O que faltou ao futebol arte? Rio de Janeiro. Maquinária. 2012.

1-Doutorando do PPGCS da UFRN, Brasil.

Recebido para publicação em 24/12/2019

Aceito em 19/04/2020